

CONSTRUIR, NAVEGAR, (RE)USAR O DOURO DA ANTIGUIDADE

COORD.
LINO TAVARES DIAS
PEDRO ALARCÃO

Título: ***Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade***

Coordenação: Lino Tavares Dias, Pedro Alarcão

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Fotografia da capa: *Leito do rio Douro entre Porto Manso (Baião) e Porto Antigo (Cinfães)*.

Fotografia de A. Loureiro Tavares, Agosto 1960.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8351-95-1

Depósito Legal: 450319/18

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-95-1/cons>

Porto, dezembro de 2018

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

O MUNDO RURAL ROMANO NO VALE DO DOURO

PEDRO PEREIRA*

A série de eventos que viria a culminar com a transformação da Península Ibérica num território romano é importante para compreendermos como é que se processa a apropriação do território rural do Douro.

O final da segunda guerra púnica, em 201 a. C., marca o destino do território peninsular. Roma, avaliando a riqueza dos territórios dominados anteriormente por Cartago, decide estabelecer-se na zona. Inicialmente discreta, esta presença será marcada por uma série de avanços, de índole militar, económica e cultural, dominando cada vez parcelas maiores do território ibérico, seja através da conquista militar seja através de uma série de alianças ou pactos com os povos autóctones.

O território peninsular anterior à chegada de Roma, os povos que o habitam, a sua organização e hierarquias são-nos largamente desconhecidos. Apenas alguns reflexos destas culturas chegarão a nós, em grande parte devido aos contactos com povos exógenos ao território e que os descrevem, como sucede com as obras de Plínio¹ ou Estrabão².

A cultura e arquitectura romanas seguem, um pouco por todo o Mediterrâneo, um modelo mais ou menos constante, revelando, certamente, algumas diacronias regionais, tais como a construção de estruturas de aquecimento em várias divi-

* Arqueólogo. Investigador do CITCEM (FLUP/FCT).

¹ Plínio, *Naturalis Historia*. Livro XV.

² Estrabão, *Geographia*, III, 3, 3.

sões em territórios mais frios ou a utilização de telhados em lamelas em xisto em territórios onde a argila era um bem menos comum. Esta questão das diacronias regionais está intrinsecamente ligada à questão da romanização, como se processa e, sobretudo, como é que uma cultura indígena é afectada por uma cultura exógena, ainda que mais avançada tecnicamente. Embora esta temática seja já discutida para outros territórios do Império Romano³, é extremamente interessante observar como é que se processou num território de fronteira, onde ainda hoje as diacronias micro regionais se sentem, sejam através de um processo de assimilação cultural, seja de forma natural.

O mundo rural romano no Vale do Douro continua a escapar-nos em grande parte. Se é verdade que nas últimas décadas têm vindo a ser feitas novas descobertas que acabam por deitar por terra muitos preconceitos da historiografia tradicional, temos que ter em conta que sabemos muito pouco sobre como se organizou o território, sendo que grande parte dos projectos que têm vindo a ser desenvolvidos no Vale do Douro acabam, muitas vezes, por ter apenas um objectivo local ou micro-regional ou de âmbito cronológico restricto, que impede uma compreensão mais lata de como se desenvolve a presença humana e, neste caso, romana no território.

Ao longo do século XIX, com a disseminação do conceito de nacionalismo e de orgulho nacional, cresce também o interesse com a história de cada nação, e em alguns casos, região, concomitantemente, com os dados que escapam, em grande parte, aos documentos historiográficos: os dados arqueológicos. Serão vários os interessados, o que podemos hoje em dia apelidar de *pré* ou *proto* arqueólogos, provenientes das mais diversas áreas de estudos, que irão começar com a prática da arqueologia no Douro, a recolher elementos e a escrever sobre a região. Será com Carlos Teixeira, em 1939, quando este visita o Alto da Fonte do Milho, em Canelas (Peso da Régua) e publica materiais e estruturas tornadas visíveis por arroteamentos na zona⁴, ou ainda em 1903, com a escavação da Quinta Nova de Nossa Senhora da Ribeira, em Tralhariz (Carrazeda de Ansiães) por Ricardo Severo⁵, que se começará a abordar a questão da ocupação rural romana, embora ainda de uma forma muito incipiente. A estes homens de letras podemos adicionar outros, como o célebre Abade de Baçal, Rocha Peixoto, Leite de Vasconcellos ou Fernando de Russel Cortez.

Devemos, antes de mais, referir que até muito recentemente, durante a escavação de uma estrutura agrícola romana, os investigadores centravam os seus esforços e estudo nas estruturas nobres, como os hipogeus de termas, salas com mosaicos, etc.

³ MOMMSEN, 2004.

⁴ TEIXEIRA, 1939.

⁵ SEVERO, 1903.



Fig. 1.
Vista do Alto da Fonte
do Milho (Canelas,
Peso da Régua)
durante a intervenção
da DRC-N, 201.
Cliché do autor.

Em suma, na *pars urbana*, a zona residencial do *dominus* na *villa*. No entanto, a maioria das informações que nos poderão ajudar a compreender como é que se organizou o mundo agrícola romano provêm das zonas menos sumptuosas, as *pars fructaria* e *pars agricola*, o campo, as zonas de transformação, armazenamento e residência da maioria dos trabalhadores de uma exploração agrícola no período romano.

Na década de 1940, Fernando de Russel Cortez, topógrafo de formação e interessado em Arqueologia desde cedo⁶, recebe uma bolsa do Instituto do Vinho do Porto para iniciar um estudo sobre a ocupação antiga do Douro. Na sua correspondência com o director do instituto podemos observar que Cortez identifica uma série de sítios de interesse e propõe-se a realizar escavações no Alto da Fonte do Milho. Será aqui que será descoberta a primeira estrutura de lagar de vinho romano no Vale do Douro⁷. Cortez decide, intencionalmente, não partir em busca do «palácio romano»⁸. Em 2010, a área é re-escavada e musealizada por uma equipa liderada por Javier Lazarrabal Galarza num projecto da Direcção Regional da Cultura do Norte.

Infelizmente, entre a década de 1950 e 1980 poucos serão os avanços na investigação arqueológica sobre a romanização no Vale do Douro. A centralização de fundos na área do Vale do Tejo iniciada por Manuel Heleno na década de 1960⁹ irá continuar ao longo dessas décadas, sendo que apenas projectos de investigação extremamente

⁶ Realiza, por exemplo, escavações da Cividade de Bagunte, em Vila do Conde, em 1944.

⁷ CORTEZ, 1948a.

⁸ Descrição da área que Carlos Teixeira visita, em 1909, na cartografia da DGMN.

⁹ PEREIRA, 2016.



Fig. 2.
Sítio de Olival
dos Telhões
(Almendra, Vila Nova
de Foz Côa), 1998.
Cliché de Susana Cosme.

localizados e, muitas vezes, sem uma orientação científica formal, serão realizados na bacia do Douro português.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos de História do Vinho e da Vinha no Vale do Douro foram também inovadores para a identificação de estabelecimentos agrícolas romanos e compreender a realidade do campo nesse momento¹⁰.

O projecto desenvolvido por Susana Cosme em Olival dos Telhões, Almendra (Vila Nova de Foz Côa)¹¹ na década de 1990 e inícios de 2000, permitiu a identificação de uma estrutura de prensa de vinho e uma série de estruturas adjacentes de, muito provavelmente, uma exploração agrícola de maiores dimensões. Ao mesmo tempo, o trabalho académico em que esta escavação se inseriu permitiu a identificação, através de prospecção, de dezenas de sítios de cronologia romana entre as bacias do Côa e Douro.

Todavia, o trabalho realizado pelo GEHVID na identificação, registo e valorização de estruturas de exploração agrícola de época romana foi mais abrangente, com prospecções amplas na zona do Alto Douro, centradas em lagares escavados na rocha, e na zona de Alijó¹².

O trabalho que tem vindo a ser desenvolvido nos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Mêda por António de Sá Coixão, Tony Silvino e as suas equipas são talvez o melhor exemplo para a compreensão do mundo rural romano no território do Douro português. Ao longo das últimas três décadas, esta equipa, com a qual temos

¹⁰ Este centro cria também uma importante plataforma de divulgação sobre a investigação no Vale do Douro, a revista «Douro – estudos e documentos».

¹¹ COSME, 2002.

¹² ALMEIDA, 2006.

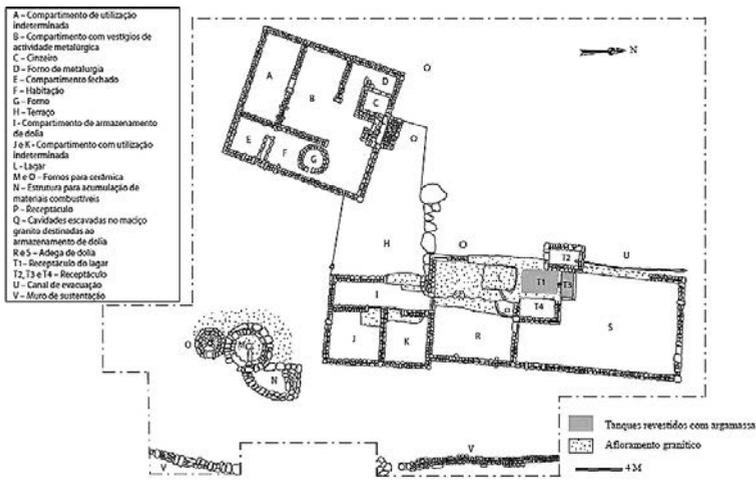


Fig. 3.
Planta do sítio de Rumansil I, Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa. Infografia de Tony Silvino.

colaborado, tem vindo a desenvolver prospecções e trabalhos de campo em centenas de sítios arqueológicos, sendo grande parte deste trabalho dedicado às explorações agrícolas de época romana.

Rumansil I, em Murça do Douro, é um dos exemplos mais paradigmáticos para compreender como é que se desenvolveu a prática agrícola, especialmente a vitivinicultura, no Vale do Douro no período clássico. O sítio compreende três conjuntos de estruturas principais: um edifício onde foram encontrados restos de uma estrutura de forja¹³, uma *cella vinaria* e duas estruturas de fornos circulares, paralelos, aos quais se encontra adossada uma estrutura de armazenamento de materiais combustíveis. Todas estas estruturas aparentam estar relacionadas com a prática da vitivinicultura: a forja para a produção de alfaia agrícola; a *cella vinaria* para a transformação do mosto em vinho e, finalmente, os fornos de cerâmica, utilizados tanto para a produção de cerâmica de consumo como *dolia*, grandes recipientes cerâmicos onde decorreria a última fase da fermentação do mosto.

A hipótese interpretativa que, nos últimos anos, temos colocado sobre o sítio de Rumansil I é que este seria uma estrutura «anexa» a uma estrutura de carácter agrícola de maiores dimensões, o sítio do Prazo. Localizando-se apenas a cerca de 2 km de distância, o Prazo é composto por uma série de estruturas, maiores dimensões, com uma grande *cella vinaria*, num edifício de cerca de 160 m² e com estruturas de transformação e armazenamento de cereais, entre outras¹⁴.

¹³ COIXÃO, 2017.

¹⁴ COIXÃO, 2017.

A cronologia de ocupação destes dois sítios coincide, embora no caso do Prazo a ocupação, no período clássico, seja compreendida entre, pelo menos, o século II e V da nossa Era, enquanto que no caso de Rumansil I as cronologias de ocupação são bem menos amplas, entre os séculos III e IV d. C. Esta diacronia aparenta comprovar o facto de Rumansil I se tratar de uma extensão do Prazo, funcionando como uma unidade de produção agrícola especializada, neste caso de vinho, onde este seria produzido, ficaria em estágio e, a dado momento, de onde seria escoado para os mercados. Esta teoria sobre a funcionalidade do sítio constituiria uma evolução morfológica do que pensamos ter sucedido com os lagares escavados na rocha, estruturas normalmente descobertas em zonas isoladas, mas que estariam no *fundus* de uma exploração agrícola e, produzindo o vinho na zona de produção, facilitaria o seu transporte¹⁵.

A descoberta de um fragmento de *dolium* produzido em Rumansil I com o grafito «LF»¹⁶ poderá também ajudar-nos a compreender a produção cerâmica especializada na região. A presença deste elemento aponta para uma venda destes grandes recipientes para outras propriedades no Vale do Douro, uma vez que no Alto da Fonte do Milho e em Zimbro II foram encontrados fragmentos de *dolia* com os mesmos grafitos, ou uma produção itinerante de *dolia*, realizada por artesãos que viajariam de exploração em exploração para produzirem este tipo de recipiente. Infelizmente, conhecemos ainda muito mal as produções cerâmicas de tipo comum nesta região para podermos retirar outras elacções, embora tenham sido realizados avanços meritórios neste campo nas últimas décadas¹⁷.

Zimbro II, em Mós do Douro, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), outro estabelecimento agrícola de época romana intervencionado por António de Sá Coixão e a sua equipa, resultou em dados extraordinários. Interpretado enquanto uma pequena exploração rural, o sítio possui dois tanques que aparentam ter sido utilizados para preparados de peixe¹⁸. Estão também presentes vestígios de produção de cereais, sob a forma de estruturas de moagem e um possível *horreum*. No entanto, a produção cerealífera na área da actual aldeia de Freixo de Numão na época flaviana encontra-se bem atestada em várias zonas, desde as escavações na Casa Grande, onde foi descoberto um *horreum*, até a uma outra dezena de estabelecimentos de pequenas dimensões dispersos pela área em torno da aldeia actual¹⁹.

¹⁵ PEREIRA, 2017; PEREIRA, 2018.

¹⁶ PEREIRA, 2017.

¹⁷ DIAS, 1997; SILVINO *et al*, 2003; COIXÃO *et al*, 2015; PEREIRA & MORAIS, 2016.

¹⁸ COIXÃO, 2017.

¹⁹ COIXÃO, 2017.



Fig. 4.
Horrea de Vale do
Mouro (Coriscada,
Mêda).
Cliché de Damien
Tourgon.

O sítio de Vale do Mouro, em Gravato, Coriscada (Mêda) é também um sítio paradigmático para compreender como se estrutura a organização do campo na época romana no Vale do Douro português.

A intervenção iniciada em 2003 e que se encontra a decorrer identificou uma *villa* romana com uma ampla diacronia de ocupação e com uma evolução arquitectónica extremamente interessante. A datação do início da edificação da primeira estrutura de exploração agrícola data de finais do século I d. C., com a construção de uma *villa* linear, de formato rectangular²⁰. Esta estrutura irá transformar-se, a partir do final do século II, numa *villa* clássica de peristilo, com produções bem atestadas de cereais, vinho e minério. Todavia, se estes tipos de produções são comuns no Vale do Douro no período em questão, em Vale do Mouro as dimensões e capacidades produzidas multiplicam-se exponencialmente.

Os dois *horrea* de Vale do Mouro têm uma capacidade mínima para albergar 400 m³ de grão e/ou farinha, supondo, claro, que apenas teriam um andar funcional. Foram também identificadas dezenas de estruturas de moagem, incluindo mós de cereais de tipo *Zugmatel*. A descoberta do paleo-leito de um ribeiro próximo do estabelecimento, associado à descoberta de uma grande quantidade de mós na zona, leva-nos a crer que poderia ter existido uma transformação de cereal em moinhos de rodízio na Antiguidade, de resto, de uma forma muito similar ao que sucedia até à muito pouco tempo nas margens do Massueime, por exemplo, ao qual o ribeiro desaguaria.

²⁰ PEREIRA, 2017.



Fig. 5.
Estruturas de lagares,
Vale do Mouro
(Coriscada, Mêda).
Cliché do autor.



Fig. 6.
Depósito de minério,
Vale do Mouro
(Coriscada, Mêda).
Cliché de António Sá
Coixão.

A *cella vinaria* de Vale do Mouro ocupa uma área de sensivelmente 170 m². A sua bateria de tanques teria uma capacidade de produção mínima de 1.500 litros de vinho, utilizando uma grande prensa de tipo catoniano. Durante o processo de escavação desta área, foram identificados, registados e desmontados muros relativos a uma ocupação tardia, do século VI d. C. No extremo Sul da *cella vinaria* foram também identificadas duas ocupações, uma mais antiga e outra mais recente. Num momento anterior à ocupação, entre os séculos II e III da nossa Era, é utilizada uma prensa em pedra, uma lagareta, na zona Sul do edifício. O facto de nessa mesma zona existir uma conduta de água e de o receptáculo da lagareta ser um *dolium* revestido

a cal, associado a paralelos conhecidos noutros pontos do Mediterrâneo²¹, leva-nos a crer estarmos perante um lagar de azeite, que terá sido abandonado anteriormente à utilização do espaço enquanto *cella vinaria*. Posteriormente, já numa fase de decadência e abandono das áreas nobres da villa, a lagareta será re-utilizada como mesa ou suporte, assentando em bases de colunas, também elas em posição de re-utilização.

A par das produções agrícolas, a exploração de minério encontra-se também patente no mundo rural da antiguidade no Vale do Douro. Em Vale do Mouro foram identificadas áreas de forja e fornos de fundição. Foi ainda identificada uma estrutura de preparação de minério e uma área de armazenamento de estanho.

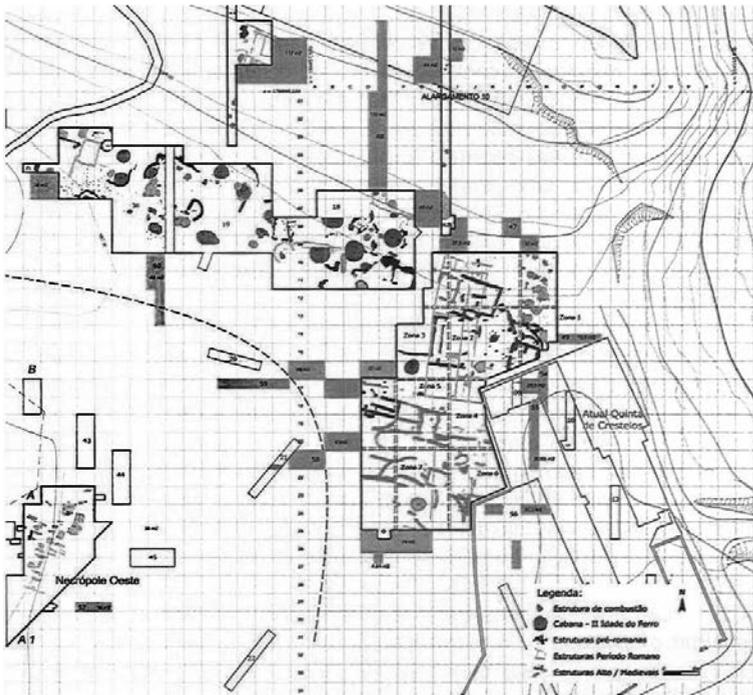


Fig. 7. Planta das estruturas intervencionadas na Quinta de Crestelos (Santo Antão da Barca). Infografia do ACE Sabor.

Foi ainda possível detectar em Vale do Mouro uma série de divisões, na *pars urbana* do estabelecimento, dedicadas à tecelagem, tendo sido recolhido um espólio rico de bases de fusos e pesos de tear. Finalmente, foi identificada uma área de cavaliças, sendo muito provável a prática de pecuária na zona, sobretudo a partir das

²¹ BRUN, 2003.



Fig. 8.
Horreum da Quinta de
Crestelos (Santo Antão
da Barca).
Cliché de Susana
Cosme.

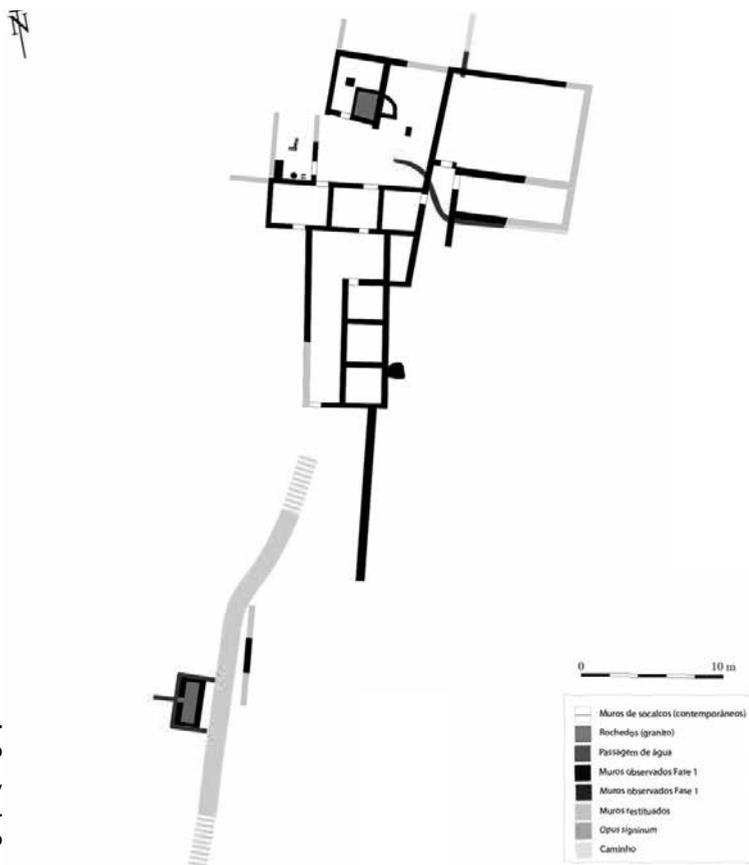


Fig. 9.
Planta de Trás do Castelo
(Vale de Mir, Pegarinhos,
Alijó).
Infografia de Tony Silvino
e Pedro Pereira.

identificações de espécies através da zooarqueologia²². Infelizmente, não foi possível identificar áreas de habitat para estes animais.

Na última década foram desenvolvidos vários grandes projectos de construção no território duriense. Um destes projectos, o Empreendimento Hidro-Elétrico do Baixo Sabor, resultou na descoberta, intervenção e estudo de dezenas de novos sítios de diversos horizontes cronológicos.

O trabalho empreendido no sítio da Quinta de Crestelos permitiu a identificação de um povoado da Idade do Ferro que, durante a Antiguidade Tardia, será re-estruturado em função de um cariz exclusivamente de produção e armazenamento agrícola. Os investigadores que realizaram as escavações neste sítio identificaram estruturas agrícolas da Idade do Ferro, nomeadamente um celeiro de planta circular e estruturas de moagem, que serão re-utilizadas e sofrerão ampliações no período de domínio romano: será construído um novo celeiro de planta rectangular e uma *cella vinaria*²³.

Em 2012 foi iniciado um projecto de sondagens e prospecções em torno do Castro de Vale de Mir, Pegarinhos (Alijó). Com o intuito de compreender como é que se desenrolou o processo de romanização, foram abertas sondagens na área nascente imediatamente abaixo da área do castro.

O projecto de investigação permitiu a escavação de uma *pars agricola* de uma *villa* extremamente interessante, uma vez que esta área, embora rica em povoados da Idade do Ferro identificados, não tem sofrido intervenções nas últimas décadas, desconhecendo-se em grande parte como decorreu a ocupação rural no período clássico no território do planalto de Alijó do Vale do Douro.



Fig. 10. Estábulos e tinturaria de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó).
Clichés de Tony Silvino.

²² ARGANT, 2013.

²³ COSME, 2013.



Fig. 11.
Estrutura de lagar de
São João das Arribas
(Aldeia Nova, Miranda
do Douro).

Na *pars rustica* de Vale de Mir foram identificadas estruturas de moagem e um *horreum* com uma datação relativa do século II d. C. Foi também possível descobrir uma *cella vinaria* e, aquando da escavação da *area* da prensa, foi descoberto um denário no interior da argamassa, em flor de cunho, com cunhagem em Roma a 84 d. C. Este achado permitiu datar o momento de construção do lagar para um momento algures no final do século I d. C.

No entanto, o sítio de Trás do Castelo, em Vale de Mir, prima por dois elementos que aparentavam ser desconhecidos no mundo rural romano do Vale do Douro até ao início deste projecto: um atelier de tinturaria numa exploração rural, com tanques, estruturas de maceração de matérias primas e outros elementos; e estruturas dedicadas ao habitat de gado, verdadeiras estruturas de estábulos.

Em 2016 foi iniciado um novo projecto de investigação no Castro de São João das Arribas, Aldeia Nova (Miranda do Douro). Embora este sítio esteja classificado como monumento nacional desde 1910, eram muito poucos os dados conhecidos.

Durante a campanha de 2017, foram identificados vários espaços de cariz habitacional e, numa das sondagens realizadas, foi descoberta uma estrutura de lagar, com uma datação relativa do século III d. C. Sobre os níveis de demolição do lagar foram descobertas várias peças completas, de cronologia medieval, nas quais foi armazenado cereal (*triculum aestivum*), queimado. Embora ainda se encontre em fase de estudo e sendo apenas possível realizar datações relativas aos materiais cerâmicos, esta descoberta é extremamente interessante: num espaço de dois séculos dá-se uma

mutabilidade total a nível de produção no sítio, alterando-se de uma função vinícola para, aparentemente, uma função de armazenamento de cereais.

Como pudemos observar, nas últimas décadas tem vindo a desenvolver-se vários projectos de investigação sobre a ocupação agrária romana no Vale do Douro. No entanto, se muitas questões têm recebido resposta, muitas mais têm surgido. Quais seriam os mercados de escoamento para tantos produtos vindos do Vale do Douro e quais seriam as rotas comerciais, para além do próprio rio que, sabemos hoje, permitiria navegação em grande parte da sua extensão? Como é que se processa esta interessante transição entre o mundo latino e o mundo medieval no campo? Como é que se processam as diacronias constructivas e arquitectónicas latinas com as realidades culturais endógenas do Vale do Douro?

Infelizmente, a demarcação pombalina de 1758 e posteriores alargamentos irão iniciar um processo de arroteamentos e transformação da paisagem do Vale do Douro que irá re-construir totalmente o território duriense. Desaparecerão muitos sítios e outros serão de tal forma transformados que farão com que a sua interpretação seja extremamente complexa, como sucede com o sítio da Quinta do Noval, intervencionado por Ricardo Severo, no início do século XX²⁴.

O panorama agrícola do Vale do Douro português durante a Antiguidade é extremamente rico, cheio de mutações arquitectónicas e uma apropriação da paisagem e do território *sui generis*. Todavia, existe ainda muito trabalho por fazer. A utilização de novas tecnologias na detecção e teledetecção de sítios arqueológicos é muito complexa nas vertentes do Douro, onde, muitas vezes, os arqueosítios encontram-se em zonas de difícil acesso e, por isso mesmo, foram conservados, sendo necessário um grande trabalho de prospecção, ainda por realizar. Ao mesmo tempo, é necessária uma re-avaliação, ou mesmo uma primeira análise, em alguns casos, da documentação proveniente dos sítios intervencionados nas últimas décadas, que poderão conter, de resto, resposta a muitas das interrogações que nos colocamos hoje aquando da elaboração de sínteses históricas sobre a presença romana no Vale do Douro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (2006) – *História do Douro e do Vinho do Porto – História Antiga da Região Duriense*. Porto: Afrontamento, vol. I.
- ARGANT, Thierry (2013) – *Relatório preliminar de zooarqueologia*. Relatório de intervenção da campanha de 2012 em Vale do Mouro, apresentado à DGPC. Policopiado.
- BRUN, Jean-Pierre (2003) – *Archéologie du vin et de la huile dans le Méditerranée Antique*. Paris: Editions Errance.
- COIXÃO, António Nascimento de Sá (1995) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

²⁴ SEVERO, 1903; PEREIRA, 2008.

- (2002) – *Lagares e lagaretas nas Áreas de Freixo de Numão e Murça do Douro (Concelho de Vila Nova de Foz Côa)*. «Coavisão», vol. 4. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 57-71.
- (2009) – *Carta Arqueológica do Concelho de Mêda*. Mêda: Câmara Municipal.
- (2017) – *A Romanização do Baixo Côa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá; MAZZA, Guillaume; SILVINO, Tony (2003) – *Os fornos de cerâmica de Rumansil I (Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*, «Coavisão», 5. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
- COIXÃO, António Nascimento de Sá; SILVINO, Tony (2009) – *Coriscada, une grande villa romaine du Portugal*. «Archéologia», vol. 464. Lyon.
- COIXÃO, António Nascimento de Sá; PEREIRA, Pedro; SILVINO, Tony (2015) – *La producción vinícola romana en el Nordeste portugués: los ejemplos de Rumansil I (Murça do Douro) y Vale do Mouro (Coriscada)*. In CONTRERAS, Margarita; ELIAS, Luis Vicente, coord.- *Lagares rupestres. Aportaciones para su investigación*. Vitoria: Adra, p. 24-27.
- CORTEZ, Fernando de Russel (1947a) – *Breve relato da primeira viagem de prospecção arqueológica na Região Demarcada do Douro*. Dactilografado.
- (1947b) – *Relatório da primeira campanha de escavações de Canelas do Douro levada a cabo pelo Instituto do Vinho do Porto*. Dactilografado.
- (1947c) – *Diário das escavações do Alto da Fonte do Milho*. Manuscrito.
- (1948a) – *Relato da segunda campanha da Fonte do Milho, Canelas*. Dactilografado.
- (1948b) – *Arqueologia da região produtora do Vinho do Porto*. «Anais do Instituto do Vinho do Porto», n.º 9. Porto: IVP.
- (1951) – *As escavações arqueológicas do «Castellum» da Fonte do Milho. Contributo para a demogenia duriense*. «Anais do Instituto do Vinho do Porto», n.º 12 (1). Porto: IVP.
- COSME, Susana Rodrigues (2002) – *Entre o Côa e o Águeda: Povoamento Romano e Alto-Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- (2013) – *O contributo das pequenas 'villae' rústicas na economia e povoamento dos séculos IV-VII no Douro*. In *Actas das 1as Conferências do Museu de Lamego*. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego, p. 141-149.
- DIAS, Lino Tavares (1997) – *Tongogriva*. Lisboa: IPPAR/Ministério da Cultura.
- FERNANDES, Armando de Almeida (1968) – *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Viana do Castelo.
- MOMMSEN, Theodor (2004) – *The Provinces of the Roman Empire*. Nova Iorque: Barnes & Noble.
- MORAIS, Rui (1997-1998) – *Sobre a hegemonia do vinho e a escassez do azeite no Noroeste Peninsular nos inícios da romanização*. «Arqueologia». vol. 14-15. Porto, p. 175-182.
- PEREIRA, Pedro (2007) – *A produção de vinho no Vale do Douro durante a Romanização*. Seminário de Projecto do curso de Arqueologia, FLUP. Porto. Policopiado.
- (2008) – *Economie et Production du vin dans la vallée du Douro (Portugal) dans l'Antiquité tardive*. Mémoire de Master II Recherche, Maison de l'Orient et de la Méditerranée. Lyon: Policopiado.
- (2012) – *Materiais esquecidos – o espólio cerâmico de armazenamento (dolia) do Alto da Fonte do Milho, Peso da Régua*. «Almadan», tomo 1, 17. Almada.
- (2013a) – *Uma história de dolia – uma primeira análise aos recipientes cerâmicos de armazenagem de Vale do Mouro (Coriscada, Meda)*. «CEM Cultura, Espaço e Memória: Revista do CITCEM», n.º 2, p. 75-82.
- (2013b) – *De vino ac vineas – viticultura romana no Vale do Douro*. In *Actas das 1as Conferências do Museu de Lamego*. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego, p. 141-149.
- (2015) – *A importância da Arqueologia para a história da vinha e do vinho na região do Douro*. In *Actas das 3as Conferências do Museu de Lamego*. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego, p. 141-149.

- (2016) – *Estrangeiros no Vale do Douro – os romanos na transduriana provincia*. In *Actas das 4as Conferências do Museu de Lamego*. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego, p. 141-149.
- (2017) – *O Vinho na Lusitânia*. Porto: Ed. Afrontamento/ CITCEM.
- (2018) – *O vinho e a vinha no contexto da romanização do Vale do Douro português*. In *Actas do 1º Simpósio Internacional sobre Lagares Rupestres*. Valpaços: Câmara Municipal de Valpaços (no prelo).
- PEREIRA, Pedro; MORAIS, Rui (2015) – *Estudo Crono-tipológico de dolia romanos em Portugal*. «Ex Officina Hispana-Cuadernos de la SECAH», n.º 2, t. 1, p. 33-34. Madrid: La Ergástula.
- REBANDA, Nelson Campos (2008) – *Inventário de património arqueológico e de alguns valores arquitectónicos do concelho de Torre de Moncorvo*. Torre de Moncorvo: PARM.
- SEVERO, Ricardo (1903) – *Notícia da estação romana da Quinta da Ribeira em Tralhariz*. «Portugália», 1, Porto.
- SILVINO, Tony; COIXÃO, António de Sá; MAZA, Guillaume (2003) – *Os fornos de cerâmica do Rumansil I – Murça-do-Douro (Vila Nova de Foz Côa)*. *Estudo preliminar*. «Coavisão», n.º 5, p. 85-97. Vila Nova de Foz Coa: [Câmara Municipal].
- SILVINO, Tony; PEREIRA, Pedro (2017) – *O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da Romanização do Douro*. In *Actas do 2º Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 1085-1095.
- TEIXEIRA, Carlos (1939) – *Estação romana de Canelas (Poiars da Régua)*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. IX, Porto. Separata.